



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

CURSO DE PSICOLOGIA

MARCELO SERPA R. DE SOUZA

CAUSALIDADE NA OBRA DE KURT LEWIN

Salvador- BA

2024

MARCELO SERPA R. DE SOUZA

CAUSALIDADE NA OBRA DE KURT LEWIN

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Graduação de Psicologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública como requisito para obtenção do título de Bacharel e Formação em Psicologia.

Orientadora: Mestra Marta Vanessa Oliveira de Souza

Salvador-BA, 2024

Resumo

As diversas concepções de causalidade, bem como outros aspectos, contribuíram para determinar as diferentes abordagens psicológicas. Dada a importância acadêmica e prática de se entender as bases epistemológicas das teorias psicológicas, o presente trabalho teve como objetivo apresentar a concepção de causalidade na obra de Kurt Lewin. Adotou-se o método de revisão bibliográfica por conta da natureza teórica do tema. Lewin defende uma concepção de causalidade com três aspectos essenciais. O primeiro é um princípio: todos os eventos psicológicos são passíveis de causa, inclusive os irregulares e infrequentes. O segundo, a causa de todo e qualquer evento psicológico é inferida a partir de conceitos funcionais estritamente lógicos. Por fim, a causa é contemporânea ao efeito, não havendo causa antes do efeito. O presente trabalho contribuiu na sistematização da causalidade na obra de Lewin. Houve. Sugere-se que novas pesquisas abordem a causalidade na Psicologia, na medida em que o tema possui relevância teórica e, desse modo, prática.

Palavras-Chave: Causalidade; Kurt Lewin; Causação; Psicologia; Epistemologia

Abstract

The various conceptions of causality, as well as other aspects, contributed to determining different psychological approaches. Given the academic and practical importance of understanding the epistemological foundations of psychological theories, the present work aimed to present the conception of causality in Kurt Lewin's work. A bibliographic review method was adopted due to the theoretical nature of the topic. Lewin advocates a conception of causality with three essential aspects. The first is a principle: all psychological events are subject to cause, including irregular and infrequent ones. The second is that the cause of any psychological event is inferred from strictly logical functional concepts. Finally, the cause is contemporaneous with the effect, with no cause preceding the effect. This study contributed to the systematization of causality in Lewin's work. It is suggested that further research addresses causality in psychology, as the topic has theoretical and, consequently, practical relevance.

Key words: Causality; Kurt Lewin; Causation; Psychology; Epistemology

O presente trabalho de conclusão de curso possui como tema o estudo da causalidade na teoria de Kurt Lewin. A causalidade é um conceito fundamental da Epistemologia, mas que permeia todas as ciências. A epistemologia é o ramo da filosofia que estuda o conhecimento: sua natureza, origem, fundamentos e limites. Ela investiga questões sobre como sabemos o que sabemos, o que significa "conhecer", quais são as fontes válidas de conhecimento e o que diferencia uma crença verdadeira de uma falsa. Este estudo se propõe a realizar uma pesquisa bibliográfica com o intuito de compreender como Kurt Lewin aborda a causalidade em suas obras.

O estudo sobre a temática da causalidade está presente em todos os ramos do conhecimento humano, seja a partir dos questionamentos da filosofia até as bases de qualquer ciência, desde as ciências mais duras até as de humanas. Dessa maneira, daremos um panorama geral, convidando alguns teóricos para discussão. Iniciaremos pelo conceito abrangente trazido pelo físico, filósofo da ciência Bunge (1997), defensor do realismo científico, este defende que o termo “causalidade” abarca, ao mesmo tempo, uma categoria, um princípio e uma doutrina. Assim, o vínculo causal entre duas variáveis corresponde ao que ele denomina de categoria, justamente por ser uma categoria específica de vinculação. Por sua vez, a lei da causação corresponde ao princípio, posto que é um pressuposto de que existe a ligação causal. Por fim, a compreensão de que o princípio causal é válido universalmente, excluindo os demais princípios de determinação, diz respeito à doutrina. O filósofo argentino, visando evitar confusões, nomeia distintamente os três significados de causalidade. Nesse sentido, ele denomina a categoria como “causação”, o princípio como “princípio causal” e, finalmente, a doutrina como “determinismo causal ou causalismo”. Essas denominações de Bunge serão em grande medida úteis para o presente trabalho, pois permitirão que o leitor identifique ao que de fato este texto se refere, se à causalidade de modo mais amplo, ou de maneira mais delimitada.

Embora o conceito de causalidade, no Ocidente, já possa ser identificado em concepções mitológicas anteriores ao início da filosofia ocidental, somente com Aristóteles aborda-se sistematicamente a causalidade (Silva, 1975). A abordagem de Aristóteles da causalidade pode ser desafiadora para o senso comum, pois quando se pensa em causa, muitas vezes, entende-se como aquilo que é necessário e suficiente para produzir um efeito. Contudo, para Aristóteles nenhuma das suas quatro causas é suficiente para produzir um evento. Assim, para compreender Aristóteles nesse aspecto, é preciso pensar em “suas causas” como condições necessárias, mas não suficientes por si só, para a existência de algo.

Sendo assim, de acordo com Ross (2004), Aristóteles aplica o termo causa para quatro condições em que compreende como sendo necessárias para a existência de algo, embora não haja necessidade de que todas as quatro condições estejam postas para que algo venha a existir. Assim, 1) o termo causa é aplicado ao material que origina algo e que o constitui. Nesse sentido, o filósofo clássico exemplifica que o bronze é a causa material da estátua, pois ela foi feita a partir do bronze e contém bronze em si. 2) se aplica ao padrão, à fórmula da coisa em questão. Nessa perspectiva, Aristóteles dá a razão 2:1 de uma oitava musical como exemplo, pois a razão 2:1, no seu entendimento, é a essência de uma oitava musical. 3) Se aplica ao que produz imediatamente o movimento ou o que produz o adormecimento. É importante levar em consideração que o termo “movimento” possui um sentido mais amplo no grego antigo do que nas línguas latinas atuais. Assim, o “movimento” em grego equivaleria à mudança ou à variação das línguas latinas e o que nós nos referimos como movimento no português atual corresponderia a apenas um tipo específico de movimento: “kínesis” (movimento cinestésico) (Marías, 1980, p.12). Tendo em vista esse sentido mais abrangente, são dados dois exemplos, um no âmbito da conduta e outro na esfera da natureza. No comportamento, aquele que aconselha um ato é a causa dele. Ao passo que, no que diz respeito à natureza, Aristóteles exemplifica que o pai é a causa do filho, posto que foi

originador do movimento que criou o filho. 4) Por fim, o termo causa é aplicado ao fim ou ao objetivo. Nessa lógica, a saúde pode ser a causa final do caminhar, uma vez que, muitas vezes, se caminha para obter ou manter a saúde.

Aristóteles é, frequentemente, apontado como o "pai" da ciência no Ocidente, justamente por ter dado o primeiro passo, fora da especulação filosófica, em direção ao empirismo. Após os aristotélicos, o vínculo causal só seria novamente abordado de modo científico na revolução científica. Assim, o renascimento marca a retomada de Aristóteles no Ocidente e a revolução científica do século XVII o supera, conferindo os contornos do que entendemos por ciência moderna (Burke, 2013). Sendo assim, a nova etapa da história do conhecimento advinda do renascimento e da revolução científica deixou "o solo fértil" para que se discutisse a causação no Ocidente.

Desenvolveu-se, portanto, na ilha britânica, entre os séculos XVI e XVIII, o empirismo, que, produz, sem dúvidas, a concepção de causa mais influente na história da ciência. Assim, a filosofia inglesa, inaugurada por Francis Bacon e, levada até as últimas consequências, por David Hume, se diferencia daquela de René Descartes e Leibniz, por ter uma preocupação menor com as questões rigorosamente metafísicas. Isso se dá para atender a teoria do conhecimento, que sempre supõe, evidentemente, uma metafísica. Além disso, havia um embate claro quanto ao método: frente ao racionalismo com inclinação matemática e apriorística, um empirismo que defendia que o conhecimento deveria ser elaborado a partir da experiência sensível (Marías, 1980). Dentre as obras dos filósofos ingleses, se destaca o trabalho de David Hume. Assim, segundo a sistematização feita por Silva (1975) sobre a perspectiva de causalidade em Hume, a relação de causa e efeito é base de todo conhecimento e requer condições específicas na experiência sensível para que possa ser inferida. Nesse sentido, é preciso que haja contiguidade no espaço e no tempo entre causa e efeito, ou seja, é preciso que se perceba sucessivamente dois eventos (um chamado

causa e o outro, efeito). Além disso, a causalidade requer, aos olhos do filósofo escocês, prioridade no tempo na identificação da causa, isto é, a causa deve sempre vir antes do efeito na sucessão dos eventos. Por fim, é preciso que haja o que ele chama de conjugação constante, ou seja, a observação repetida vezes, de dois eventos que se relacionam e se apresentam conjugados sucessivamente, em que um (a causa) vem sempre antes do outro (o efeito). O empirismo inglês, ao lado da imagem física do mundo legada da física moderna (especialmente do mecanicismo de Newton), foi a crítica mais popular ao racionalismo inaugurado por Descartes ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Diante de um cenário cada vez mais permeado pelo empirismo inglês, Emmanuel Kant catalisa um novo movimento (idealismo alemão) filosófico crítico ao sensualismo. O sensualismo é uma teoria filosófica que enfatiza os sentidos como principal fonte de conhecimento. O descontentamento de Kant para com o conceito de causação de Hume centra-se na exclusividade que o filósofo inglês coloca na experiência sensível para a definição de seu conceito de causação (Silva, 1975). Sob a perspectiva do filósofo germânico, a causação é um ente que está presente na razão humana antes da experiência sensível. Nesse sentido, a causação emana do intelecto humano e é responsável por organizar o que se percebe enquanto realidade. Para Kant, a realidade em si não poderia ser acessada totalmente, mas ela podia ser apreendida pela razão humana e a causação seria um dos mecanismos da razão humana que tornaria possível a apreensão parcial da realidade. O filósofo germânico separa, inclusive, a realidade em si e o que a razão é capaz de compreender. Nesse sentido, o termo "fenômeno" seria justamente aquilo que é apreendido da realidade pela razão. Por outro lado, as coisas como de fato são, sem o filtro do intelecto humano, seriam, para Kant, a realidade em si.

Hume dava ênfase aos sentidos na sua perspectiva de causalidade, ao passo que Kant dizia que a base segura para se encontrar o vínculo causal residia na razão. A distinção entre o filósofo britânico e o germânico, entre os sentidos e a razão, é o substrato da separação entre as abordagens

psicológicas (Figueiredo, 2003) Sendo assim, o conceito de causalidade das correntes psicológicas é determinado, essencialmente, pela posição que se ocupa neste debate entre Hume e Kant. A Gestalt, ao menos no seu princípio (Lewin é um dos quatro fundadores), bebeu da Fenomenologia, esta, por sua vez, é uma corrente filosófica que procurou fazer uma síntese desse debate (Figueiredo, 2003, p. 39). Dessa maneira, não há ênfase nem razão e nem nos sentidos, mas sim são de interesse ambos os polos.

Os fundadores da Psicologia da Gestalt, assim sendo, tinham por objeto de estudo a conduta e os estados mentais. Assim, eles procuravam a causalidade relacionada a estes objetos. Para os alemães pioneiros dessa abordagem, a conduta seria resultado da configuração das propriedades do campo psicofísico. O campo psicofísico seria composto pela estrutura dinâmica do eu e seu âmbito psicofísico (Silva, 1975). Para a Psicologia da Gestalt, a dimensão psicofísica seria organizada pelas leis da percepção (lei da continuidade, lei da proximidade, etc.). Em outras palavras, leis, como da continuidade e da proximidade seriam responsáveis pela organização de como percebemos o espaço. De modo análogo, o eu, assim como na psicofísica, também teria sua organização regida pelas mesmas leis da percepção do espaço. A dimensão psicofísica juntamente com a dimensão do eu formariam um sistema que gerariam os estados mentais e a conduta. Entre as características próprias desse sistema, temos a permanência "mental" e a continuidade, que garantem a permanência do eu através do tempo, sua identidade (lei da continuidade). Sendo assim, a causalidade, sob a perspectiva gestaltista, é resultado da configuração total do campo composto pela percepção do ambiente e pelas características do eu regidas pelas mesmas leis. Esta compreensão é base central para a discussão sobre o conceito de causalidade em toda obra de Kurt Levin, objeto de da análise do presente estudo.

Método

O estudo de aspectos filosóficos, especificamente epistemológicos (como é o caso da causalidade), na Psicologia se justifica pelo esforço que as ciências possuem de questionar suas “verdades” ou “certezas” (Marías, 1980). Assim, é preciso evidenciar, avaliar, questionar as bases epistemológicas que determinam as verdades apresentadas nas diferentes matrizes do pensamento psicológico. É preciso discutir a concepção de causa das teorias psicológicas para saber se elas produzem relações de causa e efeito “verdadeiras” e, desse modo, intervenções efetivas para os diversos âmbitos da prática psicológica.

O presente trabalho possui como objeto de pesquisa a causalidade na teoria de Kurt Lewin. Uma vez que o objeto de estudo é pouco sistematizado na literatura e passível de diversos níveis de interpretação (cultural, conceitual, técnicos, históricos etc.), optou-se pela pesquisa bibliográfica. Tendo em vista a natureza argumentativa e o caráter das fontes consultadas, o presente trabalho é teórico. Na medida em que os dados do trabalho não são objetivos (não podem ser medidos ou observados) e a análise desses dados não é quantificável, trata-se de uma pesquisa qualitativa (Vasconcelos, 2002)

Desse modo, o presente estudo tem um cunho teórico-filosófico. Embora pesquisas dessa natureza não tenham um valor prático, se tornam relevantes na medida em que, excetuando-se a previsão e a descrição, discutem os outros dois grandes valores da ciência: a explicação e a causa (Cozby & Bates, 2015). Destarte, além da importância acadêmica, pesquisas teóricas já contribuíram para o campo prático em diversas ocasiões. O artigo teórico de Lewin, por exemplo, conflitos entre o modo de pensar aristotélico e galileano (Lewin, 1931), teve um grande impacto prático, principalmente, na Psicologia social.

O estudo da causalidade na teoria de Lewin pode ocorrer a partir de diversos prismas de análise. No entanto, no presente trabalho a causalidade será investigada apenas de maneira conceitual, focando somente neste teórico, sem pretensões de comparação ou análises históricas.

Embora Lewin não tenha sistematizado uma concepção de causação ao longo de sua obra, é possível responder à pergunta de pesquisa (como é a causalidade na teoria de Lewin?) principalmente através da extensa discussão metodológica contida em seus trabalhos. Ademais, é possível observar o lugar no qual Lewin coloca a causalidade ao analisar sua teoria topológica.

Resultados

A compreensão da história acadêmica do autor, nos ajuda a compreender suas escolhas intelectuais e posicionamentos teóricos. De acordo com a biografia escrita por Marrow (1969), Kurt Lewin nasceu em Mogilno na Prússia (atual Polônia) em 1890. Sabe-se que os pais de Lewin desejavam que todos os filhos tivessem o melhor ensino possível e consideravam que Mogilno apresentava limitações nesse aspecto. Desse modo, enquanto Kurt ainda estava na então chamada escola elementar, a família se mudou para a capital da província, Poznan. Ainda no esforço de proporcionar o melhor ensino possível para os filhos, a família se mudou novamente para Berlim em 1905, a essa altura Kurt já tinha quinze anos. No penúltimo ano da escola, Lewin é apresentado à filosofia Grega e se apaixona por ela. Em 1910, após breves passagens pelas universidades de Freiburg e de Munique, Kurt ingressa na Universidade de Berlim em Filosofia. Uma vez que as universidades alemãs eram organizadas em quatro áreas (Teologia, Jurisprudência, Medicina e Filosofia), Lewin entra em Filosofia que englobava todas as ciências naturais, ciências sociais, arte e humanidades. Sabe-se que Lewin se interessou especialmente pela teoria da história da ciência durante o período de graduação.

Kurt escolheu como “diretor de dissertação” (ou “pai de tesis”) Carl Stumpf. Stumpf foi um dos grandes responsáveis por ter redirecionado o estudo da mente humana da disciplina da Filosofia para a ciência. Além disso, Carl havia se tornado professor de Psicologia e diretor do laboratório de Psicologia da Universidade de Berlim em 1894. O interesse de Lewin pela mente humana e pelo comportamento nunca foi apartado de sua consideração filosófica de método (Marrow, 1969, p. 48). Assim, é justamente na formulação do método para a psicologia que reside sua grande importância. Ao comentar sobre as contribuições de Lewin para a Psicologia, Brown afirma:

“Onde estão as leis psicológicas absolutas sobre as quais Lewin tanto falou?” Tal crítica significaria um completo mal-entendido da atitude de Lewin. Ele ainda não está apto a estabelecer suas leis, mas está simplesmente em posição de mostrar o material do qual elas eventualmente devem surgir. Ou seja, ele mostrou que qualquer lei deve ser uma descrição genotípica do comportamento, que os associacionistas e os behavioristas confundiram o genotípico e o fenotípico. Ele é capaz de provar logicamente a existência de tensões, medi-las aproximadamente e indicar que leis dinâmicas devem ser em termos de trocas de energia e equações de campo. Sua contribuição mais importante é metodológica, e não factual” (Brown, 1929, p. 220).

Toda a obra de Kurt “bebe” claramente da “fonte” do que ficou conhecido como “Círculo de Berlim”, composto por figuras como: o próprio Lewin, Cassirer, Reichenbach, entre outros. Estes teóricos defendiam o valor da lógica para a definição de conceitos na ciência e pregavam por rigor metodológico. É justamente aí que reside a maior contribuição de Lewin para a causa na Psicologia. Assim, o psicólogo alemão desenvolveu sua teoria de causa baseada na lógica formal (formas de raciocínio que dependem da estrutura das proposições, se utilizando de sistemas simbólicos). Nesse sentido, Lewin foi um dos grandes expoentes de um movimento que se

recusava a desenvolver conceitos psicológicos começando pelas faculdades mentais (percepção, intuição), bem como se negava a entender que as explicações dos fenômenos psicológicos seriam meramente históricas. Ao invés disso, o gestaltista defendia que a Psicologia deveria ser compreendida como um sistema de conceitos e proposições, abstraído dos eventos psicológicos (percepção, razão) e dos eventos históricos (contingências das situações concretas) que a originaram (Milkov & Peckhaus, 2013).

Embora Lewin tenha sido considerado um dos vinte psicólogos mais destacados do século XX (Haggbloom et al., 2002), o “establishment” da Psicologia sempre o manteve na periferia (Marrow, 1969, p. 227). Desse modo, sua abordagem de causa, resultado da interação de conceitos lógicos, não alcançou a proeminência da perspectiva de causa de outros autores. Entre os diversos campos da Psicologia, deve-se destacar a influência de Kurt na Psicologia social, na Psicologia experimental e na Psicologia do desenvolvimento.

Como já mencionado, portanto, a teoria psicológica elaborada por Lewin não pode ser compreendida separada de sua consideração filosófica de método. Nesse sentido, o conceito de causa exposto pelo autor em sua teoria é um reflexo natural da concepção filosófica de método científico defendida por ele.

Lewin evidencia sua posição quanto ao método quando escreve, diversas vezes, ao longo de sua obra, sobre o que ele considerava ser a mudança fundamental no pensamento científico e de conceituação que ocorreu no período da Renascença. O psicólogo alemão sustentava que a mudança fundamental de um fazer científico caracterizado pela regularidade e frequência para uma ciência de leis dinâmicas, marcada principalmente na Física, deveria servir de modelo para a Psicologia. Assim, ao longo de sua obra, o teórico em questão se utiliza da comparação entre as referidas duas maneiras de se fazer ciência para defender sua tese quanto ao método que a

psicologia deveria adotar. Ao escrever e palestrar sobre o tema, Lewin frequentemente concentra suas críticas ao nome de Aristóteles, justamente por ele ter considerado que o filósofo grego é o símbolo maior do modo de fazer ciência da regularidade e da frequência. Por outro lado, Lewin escolhe Galileu como representante da ciência moderna na qual as leis são dinâmicas. Galileu, no entendimento de Lewin, é o símbolo maior do rompimento com o modo de fazer ciência do período pré-renascença. Sendo assim, talvez o artigo mais celebrado de Lewin seja justamente aquele intitulado: “The Conflict Between Aristotelian and Galileian Modes of Thought in Contemporary Psychology” - O Conflito entre os Modos de Pensamento Aristotélico e Galileano na Psicologia Contemporânea (Lewin, 1931). Além de evidenciar o contraste entre o modo de pensar Galileano e Aristotélico neste artigo, o psicólogo da Gestalt repete essa comparação no seu único livro, *Principles of Topological Psychology (Princípios da Psicologia Topológica)* (Lewin et al., 1936) e em diversas palestras ministradas como estratégia argumentativa para expor e defender sua posição quanto ao método e, portanto, quanto a causalidade.

Uma das premissas metodológicas fundamentais de causalidade para Lewin é de que qualquer evento é passível de causa, inclusive os infrequentes e únicos (Lewin, 1931). Assim, o alemão postula essa premissa como crítica aos caminhos (sob sua ótica, errôneos) que a Psicologia experimental vinha percorrendo majoritariamente até então. Em sua perspectiva, grande parte dos pesquisadores da Psicologia até aquele momento focavam suas energias somente no estudo de situações frequentes e regulares, desconsiderando a experiência singular, única, irregular, que pode ocorrer somente uma vez. A lei de Fechner (proeminente psicólogo experimental do final do século XIX) que postula que a intensidade da sensação é proporcional à intensidade do estímulo é verdade para maioria das situações. No entanto, há certas ocasiões em que a intensidade da sensação não é proporcional à intensidade do estímulo (Brown, 1934b). Dependendo da configuração do espaço vital (conceito que será explicado a partir da página dezenove), essa lei não explica a sensação do

sujeito. Lewin (1992) defendia que a Psicologia deveria impor a si mesma a tarefa de explicar todo e qualquer comportamento e todo e qualquer estado (sensação, pensamento etc.), e não somente explicar aquelas situações que ocorrem com mais frequência.

Para ilustrar e, desse modo, aclarar as consequências científicas para a Psicologia de leis que se preocupam em apenas encontrar as causas para as situações de maior frequência e que desconsideram eventos em que as regras não funcionam, Lewin retoma o exemplo dos primeiros séculos da física e de seu desenvolvimento após a revolução científica, simbolizada por Galileu. Assim, ele explica como, no seu entendimento, a premissa da existência de causa, para todo e qualquer evento, foi central para o grande avanço da física e de outras ciências no século XVII e defende esse axioma para a Psicologia.

No modo de fazer ciência aristotélico, eventos “fortuitos” que não se repetem da mesma forma com frequência eram inteligíveis e, portanto, não eram objeto de estudo da ciência. As situações de queda, por exemplo, não eram estudadas pelo filósofo grego. Posto que todos os eventos de queda se diferem uns dos outros, mesmo que ligeiramente, eles não seriam inteligíveis (Lewin, 1931). Assim, há situações em que uma pessoa cai de costas, outras de lado, outras caem em razão de um empurrão, outras caem por escorregar. Por outro lado, os eventos que, sob a condição histórica e geográfica de Aristóteles, ocorriam sempre e com regularidade, eram passíveis de serem estudados pela ciência. Daí o interesse da Física aristotélica em estudar o movimento dos corpos celestes, pois, sob as condições histórico-geográficas do grego, as estrelas percorriam exatamente o mesmo percurso todas as noites, a Lua tinha suas fases uniformemente estabelecidas. Aos olhos de Lewin (1931), a separação entre eventos inteligíveis e ininteligíveis, observada na ciência aristotélica, contribuiu para a restrição do desenvolvimento de sua física e está ligada à produção de causas equivocadas. Nesse sentido, a tese do psicólogo alemão pode ser corroborada pelo grande avanço promovido pela lei da gravitação universal formulada por Newton.

Assim, esta lei unificou os fenômenos de queda de Objetos na Terra e os movimentos planetários postulando que a força que fazia uma maçã cair de uma árvore era a mesma que mantinha a lua em órbita ao redor da terra: a gravidade. Ou seja, uma mesma lei foi capaz de explicar a causa não só de situações regulares, como a trajetória da lua vista da Terra, mas também pôde explicar eventos únicos, como o porquê de um menino cair quando se desequilibra de uma bicicleta. Sendo assim, a descoberta da força gravitacional como um fator causal decisivo para movimentos aparentemente desconexos só foi possível em função dos experimentos de Galileu com eventos infrequentes e irregulares e de Newton ter conectado esses experimentos com o trabalho de Kepler sobre o movimento dos corpos celestes (Kragh, 2007). Por outro lado, a Física aristotélica compreendia, com base no sistema de quatro causas (já mencionados na introdução do presente estudo) e o entendimento de que eventos infrequentes eram fruto do acaso, que o movimento regular dos corpos celestes e o movimento variável do plano terrestre não conversavam. Ao passo que o primeiro tipo de movimento era passível de causas, o segundo necessariamente era resultado do acaso.

Apesar de diferir em diversos aspectos do modo de fazer ciência aristotélico, Lewin sustentava que a causalidade da Psicologia experimental de sua época guardava semelhanças com aquela do paradigma grego clássico. Assim, Lewin (1992) apoiava que a hesitação e a vagarosidade dos autores pregressos e de sua geração, em estender seus estudos para além da Psicologia sensorial era expressão da antiga separação aristotélica entre eventos passíveis de causa e eventos ininteligíveis. Os experimentos de Wundt, Weber e Fechner no campo da psicologia sensorial achavam tendências ou regras, mas não eram capazes de explicar toda e qualquer situação (Brown, 1934b). Segundo o psicólogo da Gestalt (Lewin, 1992), a insistência no campo sensorial se dava em razão da frequência e da regularidade observadas nos experimentos. Por exemplo, ao se fazer experimentos sobre a percepção auditiva, encontra-se um padrão de sensação mediante a

um certo estímulo, mas esse padrão não seria capaz de explicar a percepção auditiva de todas as situações concretas. Dependendo da configuração do Espaço Vital, a percepção auditiva será a última coisa percebida pelo sujeito. Por outro lado, no campo da Psicologia do afeto, por exemplo, no qual a recorrência do mesmo evento não é esperada como na Psicologia sensorial, produziam-se poucos experimentos. Não se encontrava no campo dos afetos, como na Psicofísica, padrões tão recorrentes de estados psicológicos. Assim, para Lewin (1931), a repetição uniforme de um evento permanecia na Psicologia, assim como ocorria em Aristóteles, como critério para assumir o que era passível de causa e o que não era de um fenômeno.

Dialogando com o entendimento de que é dever da Psicologia enquanto ciência tentar estabelecer causas para todo universo psicológico, Lewin (1992) acrescenta que a Psicologia deveria buscar a transição de conceitos “fenotípicos” para conceitos “funcionais”. Somente através da mudança da natureza dos conceitos, defendia o autor, seria possível encontrar as verdadeiras causas para toda e qualquer situação psicológica.

O germânico afirmava que os conceitos fenotípicos são aquelas abstrações que buscam explicar as situações que se repetem e que não conseguem explicar os eventos infrequentes do universo psicológico. Um exemplo de conceito fenotípico seria o “instinto materno”. Assim, grande parte das mães apresentam comportamentos de cuidado para com seus filhos, o que seria explicado pelo “instinto maternal”. Porém, sabe-se que há situações nas quais certas mães podem apresentar aversão/rejeição aos seus filhos. Além disso, há outras figuras para além das mães que podem desempenhar esse papel de maternas. Sendo assim, há eventos cujo conceito de instinto materno não é capaz de dar explicações, não apresenta causalidade. É possível também que em outros contextos sociais, como no caso de alguns povos originários ou em algumas comunidades de santo, que o papel de maternas seja comunitário e não referente a apenas uma pessoa. Nessa perspectiva, além de não explicar todas as situações, o conceito de instinto materno é datado, pois

só é válido para um certo contexto social em uma época específica. É justamente aí que reside a crítica de Lewin aos conceitos fenotípicos: eles não dão conta de toda e qualquer situação e são circunscritos a um determinado quadro social num determinado período. Esses tipos de conceitos, muitas vezes, nomeados de comportamentos adaptativos, tiveram grande influência no pensamento psicológico, especialmente na Psicologia evolucionista. Assim, os conceitos adaptativos estavam presentes na teoria de William James (Schultz & Schultz, 2008), bem como estão presentes na teoria de David Buss (Buss, 2019).

Como exposto, os conceitos fenotípicos não seriam úteis, aos olhos de Lewin (1992), para se encontrar a causação das situações únicas. Assim, eles teriam o problema de serem inerentemente datados e, dessa maneira, não conseguem apontar para a verdadeira causa dos fenômenos, mas apenas abarcar situações que ocorrem em um dado período histórico (como no caso do instinto materno). Além de serem conceitos essencialmente históricos, o psicólogo gestaltista sustenta que eles possuem um outro problema. Na medida em que eles não são formados por relações funcionais, mas por propriedades comuns de um grupo de situações, estas abstrações podem englobar eventos que não se relacionam verdadeiramente (Cassirer, 2010). A teoria de Freud, por exemplo, possui como conceitos fundamentais o que se chama de “pulsões”, que seriam inatas e, em grande medida, independentes do ambiente. Uma dessas pulsões é chamada de “pulsão de morte” (Thanatos), a qual seria responsável por diversas situações nas quais os sujeitos repetem comportamentos dolorosos de maneira compulsiva e por outros tantos diversos comportamentos de autossabotagem. O conceito de pulsão de morte pretende explicar uma série de eventos cuja característica comum é o indivíduo prejudicando a si mesmo. As diversas situações de autossabotagem, no entanto, podem ter causas outras que não o impulso de morte. Nessa perspectiva, o impulso de morte abrange uma série de situações que podem apresentar naturezas de causas diversas e que, portanto, podem não apresentar verdadeira relação (Brown, 1934a). Outro

exemplo, agora não mais com situações, no entanto com objetos, de conceitos fenotípicos na linguagem de Lewin, ou conceitos genéricos na de Cassirer (2010), ou conceitos de classe na linguagem de Lewin (1992) e de Brown (1934a), seria o exemplo de Lotze: “Se agruparmos cerejas e carne sob os atributos de vermelho, suculento e comestível, não obteremos, com isso, um conceito lógico válido, mas uma combinação de palavras sem sentido, completamente inútil para a compreensão dos casos particulares” (Cassirer, 2010, p. 7).

Posto que os conceitos fenotípicos não seriam instrumentos úteis, aos olhos de Lewin (1992), para se encontrar as causas dos fenômenos, seria preciso, sustentava Lewin, desenvolver abstrações de outra ordem. Como exposto, Lewin (1931) acreditava que a transição ocorrida na física dos conceitos fenotípicos aristotélicos para os conceitos funcionais galileanos teria sido a chave para a revolução científica ocorrida na Renascença. Uma das características fundamentais dos conceitos galileanos seria a preocupação com as relações funcionais entre as variáveis. Distintamente, os conceitos fenotípicos, como exposto, não se preocupavam com as relações funcionais de causa e efeito, mas sim pelo agrupamento arbitrário de características comuns de uma série de situações. Sendo assim, o psicólogo da forma defende que, para se achar as reações funcionais de causa e efeito dos fenômenos psicológicos, seria preciso empregar uma linguagem estritamente formal característica das abstrações galileanas. Para Lewin e para os demais membros do círculo de Berlim, a linguagem estritamente formal seria a linguagem matemática. Sendo assim, Lewin toma emprestado os conceitos da geometria para construir sua teoria de campo. A geometria, sendo um ramo da matemática, é instrumento elegível para qualquer ciência, inclusive a Psicologia. Além disso, certos ramos da Geometria, como a topológica, sustentavam Lewin, são bastante úteis para representar a situação psicológica (regiões, vetores, barreiras etc). Os conceitos da geometria topológica combinariam poder de análise, precisão conceitual, utilidade para derivação da causação e adequabilidade para todos os problemas psicológicos (Lewin, 1965, p.74). Sendo assim,

Lewin apresenta uma série de conceitos advindos da geometria topológica para, juntamente com os dados da situação concreta, inferir a causa dos fenômenos.

Em sua teoria de sistema e tensões, o gestaltista apresenta uma série de conceitos funcionais que se relacionam entre si e com os dados da situação concreta formando um sistema, uma configuração total da qual se infere a causação. Lewin (Lindorfer, 2020) não aceitava regras gerais para explicação de comportamentos comuns e, desse modo não se satisfazia, em desenvolver abstrações que buscavam explicar somente os eventos mais frequentes. Nesse sentido, no esforço de responder porque um indivíduo se comporta de determinada maneira, em uma certa situação e não de outra, ele desenvolve o conceito de “espaço vital”. Lewin propôs que o comportamento de um indivíduo é uma função do seu eu (composto por necessidades, metas, intenções) e de seu ambiente psicológico. É justamente a combinação do eu com seu ambiente ou meio que Lewin denomina de espaço vital. Esse conceito abrange tanto o indivíduo quanto os elementos de seu ambiente imediato, ambos inter-relacionados e em constante mudança.

Lewin (Lindorfer, 2020) sustentava que o eu e a percepção do eu de seu meio (espaço vital) seriam divididos em “regiões”. Nessa perspectiva, o espaço vital seria um sistema estratificado, composto por regiões centrais e periféricas. O conteúdo dessas regiões abrange os fatos quasi-físicos, quasi-conceituais e quasi-sociais. O termo “quasi” indica que cada “eu” percebe os fatos físicos, sociais e os conceitos de maneira distintas e, desse modo, cada pessoa integra em seu espaço-vital esses fatos à sua maneira. As regiões são qualitativamente distintas entre si e, desse modo, influenciam o comportamento do indivíduo de maneiras diferentes. Um exemplo seria a diferença entre a "região" que inclui pessoas próximas e a "região" que envolve o ambiente de trabalho. Cada uma dessas regiões influencia a forma como a pessoa percebe e responde às situações.

Cada região no espaço vital de uma pessoa tem uma valência associada, que pode ser positiva (atraente) ou negativa (repulsiva). A valência é o que orienta o comportamento da pessoa em termos de direção ou afastamento de uma região específica. Por exemplo, uma região que contém um restaurante quando a pessoa está com fome terá uma valência positiva, atraindo-a. Por outro lado, uma região que contém uma situação de conflito social pode ter uma valência negativa, fazendo com que a pessoa evite essa área. Na teoria de campo do gestaltista (Lindorfer, 2020), as valências referem-se às características que os objetos, pessoas, ou eventos no espaço vital possuem e que exercem uma atração (valência positiva) ou repulsão (valência negativa) sobre o indivíduo. Essas valências são diretamente responsáveis por influenciar o comportamento, pois motivam a pessoa a se aproximar ou evitar determinados elementos no ambiente. Elas não são propriedades absolutas, mas sim dependem do estado psicológico do indivíduo em um momento específico.

Como exposto, o espaço vital é composto por regiões que possuem valências associadas. Os limites ou obstáculos que separam as diferentes regiões do espaço vital são chamados de barreiras. Essas barreiras podem ser de diversas naturezas (físicas, sociais, mentais). Um exemplo de barreira quasi-física seria quando uma pessoa tem o desejo de acessar um edifício (região de valência positiva), mas a porta está fechada (Lindorfer, 2020). Uma pessoa, por exemplo, pode se encontrar dentro de um contexto escolar e possuir o domínio de um assunto profundamente, de modo que sente à vontade de externar esse conhecimento para seus pares. Contudo, apesar do sentimento de querer falar constituir uma região de valência positiva, na medida em que convoca a pessoa para a ação, ela não consegue falar. Assim, a pessoa não fala por medo do julgamento dos pares. Nesse caso, o medo dos pares configuraria uma barreira social que impede o trânsito da pessoa.

Para melhor evidenciar a causa de determinado comportamento com base nos princípios funcionais apresentados pelo psicólogo germânico, seria preciso explicar o mesmo comportamento

a partir de conceitos fenotípicos e, depois, a partir de conceitos funcionais. O suicídio, por exemplo, pode ser explicado das duas maneiras. Assim, o suicídio pode ser explicado pela pulsão de morte de Freud, mas também pela teoria de campo de Lewin.

É importante notar que a teoria de Freud não é composta apenas por conceitos fenotípicos, há conceitos funcionais também (Brown, 1934a). Nesse sentido, mecanismos como repressão e conversão se caracterizam como conceitos funcionais, posto que são formados a partir do porquê e não por características comuns de um dado grupo de situações. No entanto, como exposto, a pulsão de morte, bem como princípio do prazer, são conceitos fenotípicos, pois são formados a partir da reunião de uma série de situações com características comuns. Por outro lado, os conceitos funcionais seriam aquelas abstrações formadas para se entender as relações funcionais dos fenômenos e, desse modo, construir a causalidade dos eventos.

Em seu texto, “História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920 e 2022), Freud identifica que cada pessoa haveria uma pulsão inerente que busca a redução de tensão, o retorno ao estado inorgânico e, em última instância, a morte. O suicídio, nesse sentido, poderia ser explicado pela pulsão de morte inata aos indivíduos na teoria de Freud. Evidentemente, a forma assumida da pulsão de morte e a magnitude de sua força varia em razão de acordo com uma série de situações. No entanto, a natureza formativa do conceito é a reunião de eventos nos quais as pessoas “prejudicam a si mesmas”.

Por outro lado, na teoria de campo de Lewin, seria preciso saber dos dados concretos de cada situação de suicídio. A partir dos dados da situação concreta, seria preciso saber quais fatos quasi-físicos, quasi-conceituais, quasi-sociais que a pessoa forma no seu espaço vital. Uma determinada pessoa, por exemplo, ao chamar um amigo para sair, pode receber um não como resposta e integrar ao seu espaço vital “rejeição” como um fato quasi-social. A situação de rejeição

no espaço vital ocupa uma região de valência negativa associada, uma vez que a pessoa busca sair dessa região. A energia de tensão, resultado da valência negativa para escapar da região, faz com que ela tente se mover para fora. No entanto, pode acontecer que ela não consiga sair dessa região em função de algum tipo de barreira. Assim, esse sujeito pode ter dificuldade de sair da região em razão de uma barreira social, por exemplo. Digamos que o sujeito é fiel a alguma religião que é muito discriminada em seu meio e, portanto, ninguém se permite ser amigo dele. Por não conseguir transpassar a barreira, o sujeito se frustra. Se esse caminho ocorre repetidas vezes, o sujeito pode passar a acreditar que sair dessa região é impossível. Essa crença passa a ser um novo dado do espaço vital do indivíduo e pode, juntamente com a região de rejeição, provocar o ato suicida. Isso apenas um exemplo dos diversos possíveis. De modo semelhante à genética, esses conceitos de Lewin interagem entre si e com os dados da situação concreta em um dado momento causando os eventos.

Como exposto, o psicólogo da forma (Lewin, 1936) defendia que a causação deveria ser derivada a partir do emprego de conceitos estritamente lógicos juntamente com os dados da situação concreta. Conceitos fenotípicos que buscavam dar a causa dos eventos frequentes e regulares não encontrariam as causas funcionais e não abarcariam todo o universo psicológico, sob a ótica do germânico. Além desses dois aspectos da causalidade de Lewin que se relacionam (a transição para conceitos funcionais e o entendimento que até os eventos infrequentes e irregulares são passíveis de causa), há outra característica essencial da causalidade em Lewin. Distintamente da causalidade em Hume que foi exposta na introdução, Lewin (1936) acreditava que a causa não viria antes do efeito. Na perspectiva de Lewin, a causa de um fenômeno necessariamente deve ser contemporânea ao fenômeno. Sendo assim, ele adota uma posição de causalidade diversa daquela de Hume que diz que a causa inexoravelmente precede o efeito (O que Hume deu o nome de precedência temporal, como posto na introdução)

Lewin (1936) postula que, uma vez que nem o passado e nem o futuro existem, eles não podem produzir efeitos. Embora a proposição de que somente aquilo que existe presentemente pode produzir efeitos possa soar óbvia, ainda assim Lewin considerou importante destacá-la. Isso porque, escreve o autor gestaltista, ao longo da história da Psicologia, essa proposição havia sido adotada apenas de modo incipiente. Wundt, por exemplo, defendia que haveria dois tipos de causa: a “finalis” e a “efficiens”. A causa finalis, escreve Lewin (1936, p. 34), representava uma concepção de causa que explicava os eventos psicológicos a partir de eventos futuros (os quais não se sabia se viriam ou não a existir), ao passo que a causa efficiens dava razão às situações psicológicas por eventos passados. O psicólogo da forma acrescenta que essas concepções de causa similares à de Wundt bebem da causalidade aristotélica. Como posto na introdução com exemplos, Aristóteles apresenta quatro tipos de causa: material, formal, eficiente e final. A causa eficiente e a final possuem significados semelhantes às causas efficiens e finalis de Wundt.

Lewin reconhece que a imaginação sobre o futuro e aspectos do passado podem estar presentes na configuração momentânea do espaço vital de determinado sujeito, mas reitera que, tanto a imaginação sobre o futuro quanto os aspectos do passado, só são relevantes do ponto de vista da causalidade na medida em que estão contidos presentemente no espaço vital do indivíduo. Para aclarar sua perspectiva de passado e futuro dentro do espaço vital, Lewin traz o exemplo de um episódio ocorrido no livro “o vermelho e o negro”, um clássico da literatura francesa (Lewin, Heider, & Heider, 1936, p. 36). No exemplo, Julian, o professor, resolve tocar na mão de Rênal, a mãe de seu aluno:

“Será que vou me comportar assim na ocasião do meu primeiro duelo?”(...). Qualquer perigo lhe parecia preferível àquela agonia mortal.

Como ele desejava que a sra. de Rênal se lembrasse de alguma tarefa doméstica esquecida e voltasse para casa! O esforço que ele precisava fazer para se conter alterava visivelmente sua voz; a voz da sra de Rênal também começava a tremer, mas Julian não notava, pois o conflito entre o dever e a timidez era forte demais para que ele pensasse algo fora de si.

O grande relógio do castelo mostrava que era 9:45, e ele ainda não tinha tido coragem de tentar nada. Desgostoso de sua pusilanimidade, ele disse a si mesmo: “quando esse relógio bater dez horas, farei o que venho prometendo a mim mesmo o dia todo, ou subirei para meu quarto e colocarei uma bala no cérebro.”

Depois de um período de suspense e ansiedade que lhe pareceu um século (...), o relógio acima de sua cabeça bateu dez horas. Cada toque ecoava em seu peito como se um martelo estivesse caindo em seu coração.

Finalmente... (Lewin, 1936 p. 37)

O exemplo da novela de Stendhal evidencia como uma projeção futura pode ter grande influência no comportamento e no estado da pessoa. No entanto, o objetivo de tocar na mão de Rênal, é psicologicamente presente no espaço vital momentâneo de Julian. Portanto, o objetivo, como um fato psicológico, está situado no presente, mesmo que seu conteúdo seja uma projeção de futuro. A expectativa de Julian e o conteúdo de sua imaginação não dependem se ele de fato tocará a mão de Rênal. O que guia seu comportamento é justamente a expectativa agonizante.

A perspectiva de causalidade de Lewin, juntamente com o trabalho de outros autores, expandiu, pelo menos de modo mais intenso, a Psicologia experimental para áreas que ela mesma, muitas vezes, negligenciava. Assim, era comum que os experimentos de Psicologia se concentrassem no ramo da Psicologia sensorial, posto que se considerava, muitas vezes, que os únicos eventos passíveis de causalidade na Psicologia eram aqueles frequentes e regulares.

Justamente por ampliar os experimentos e a teoria, a perspectiva de causalidade de Lewin contribuiu para grandes avanços, principalmente na Psicologia social e do desenvolvimento. Ademais, ao propor uma concepção de causalidade advinda, em grande medida, de conceitos estritamente lógicos, Lewin coloca luz na questão epistemológica. Embora toda e qualquer concepção de causalidade na Psicologia necessariamente seja proveniente da Epistemologia, muitos autores de Psicologia da época de Lewin pregavam um cientificismo desinformado, alegando que a causa dos fenômenos psicológicos se daria a partir de mensurações e medições desconectadas da teoria. O apartamento da Psicologia da Epistemologia cerceava o desenvolvimento da primeira e, desse modo, ao conectá-las, Lewin contribuiu para a evolução do conhecimento psicológico. Por fim, a perspectiva de que a causa é contemporânea ao efeito é importante na medida em que ela traz consigo o valor da experiência, da situação concreta, da cientificidade. Nesse sentido, Lewin pretendeu com isso escapar de explicações históricas ou teleológicas (causas teleológicas são aquelas causas que explicam o comportamento de uma pessoa por um evento que nem ocorreu). Assim, a causalidade de Lewin está ligada à situação concreta e ao estado momentâneo, mesmo que este estado tenha conteúdo a imaginação do futuro ou a lembrança do passado. Justamente por estar ligada à situação presente, a causalidade de Lewin pode ser objeto de experimentos.

Considerações finais

Como escrito, Lewin nunca sistematizou uma concepção de causalidade, mas é possível sistematizar principalmente através da extensa discussão que o autor faz sobre o método científico, bem como pela sua teoria topológica. Sendo assim, o presente trabalho conseguiu apresentar aspectos fundamentais da causalidade da Psicologia de Lewin. Destacou-se, usando a terminologia de Bunge (1997) posta na introdução, que o autor germânico defendia que a causação (vínculo causal) deveria ser válida universalmente, o que é denominado por Bunge de doutrina do

causalismo. Mostrou-se que, para Lewin, apenas seria possível adotar o causalismo através da transição de conceitos fenotípicos para conceitos funcionais, uma vez que os primeiros partiam do pressuposto que seria inviável encontrar a causa de eventos infrequentes e irregulares na Psicologia. Além disso, evidenciou-se que a causa é inferida, na teoria do psicólogo da forma, a partir da relação entre os conceitos funcionais e os dados concretos do evento em questão. Por fim, ressaltou-se que Lewin possuía uma perspectiva de causa contemporânea ao efeito, contrariando o que Hume nomeou de precedência temporal ou o que Aristóteles denominou de causa eficiente e causa final (como exposto na introdução).

A contribuição do trabalho reside na sistematização de aspectos fundamentais da causalidade na teoria de Lewin. Novamente, embora todos esses aspectos estejam presentes na obra de Lewin, o autor em questão nunca os sistematizou. Outrossim, o trabalho também contribui por trazer luz para questões epistemológicas na Psicologia, dado que esta questão é basilar em toda e qualquer teoria psicológica e é frequentemente desvalorizada.

O trabalho apresentou algumas limitações. No esforço de ilustrar num espaço curto, o estudo simplificou aspectos fundamentais da teoria de Lewin. Embora fidedigna, sua concepção de causalidade foi bastante simplificada. Além disso, o presente trabalho não esgotou a discussão sobre o tema da causalidade na teoria de Lewin, posto que há uma série nuances que não foram colocadas e os aspectos fundamentais postos poderiam ter sido mais detidamente explorados.

Sugere-se que outras pesquisas procurem sistematizar a causalidade na teoria de Lewin, justamente por ser um tema inesgotado. Sugere-se, de modo mais abrangente, que haja pesquisas Epistemológicas dentro da Psicologia pelas razões já expostas na justificativa contida no método.

Referências

- Brown, J. F. (1929). The methods of kurt lewin in the psychology of action and affection. *Psychological Review*, 36 (3), 200–221. <https://doi.org/10.1037/h0076029>
- Brown, J. F. (1934). Freud and the scientific method. *Philosophy of Science*, 1 (3), 323–337.
- Brown, J. F. (1934b). A methodological consideration of the problem of psychometrics. *Erkenntnis*, 4, 46–61.
- Bunge, M. (1997). *La causalidad: El principio de causalidad en la ciencia moderna* (H. Rodri?guez, Ed.). Editorial Sudamericana.
- Buss, D. (2019). *Evolutionary psychology: The new science of the mind*. Taylor & Francis. <https://books.google.com.br/books?id=Sn6JDwAAQBAJ>
- Cassirer, E. (2010). *Substance and function. einstein’s theory of relativity*. Forgotten Books. <http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=518e2d47d207609bad5c1da2faa10e79>
- Cozby, P. C., & Bates, S. C. (2015). *Methods in behavioral research* (Twelfth). McGraw-Hill Education.
- Figueiredo, L. C. M. (2003). *Matrizes do pensamento psicológico* (10ª). Editora Vozes.
- Haggbloom, S. J., Warnick, R., Warnick, J. E., Jones, V. K., Yarbrough, G. L., Russell, T. M., Borecky, C. M., McGahhey, R., Powell, J. L., Beavers, J., & Monte, E. (2002). The 100 most eminent psychologists of the 20th century. *Review of General Psychology*, 6 (2), 139–152. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.6.2.139>

- Kragh, H. (2007). *Conceptions of cosmos: From myths to the accelerating universe: A history of cosmology.* Oxford University Press, USA.
<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=38b461ec8209d5e402b3dbcb67b2b944>
- Lewin, K. (1965). *Teoria de campo em ciência social.* Livaria Pioneira Editôra.
<https://books.google.com.br/books?id=GH9SXwAACAAJ>
- Lewin, K., Heider, F., & Heider, G. (1936). *Principles of topological psychology.* McGraw-Hill book Company, Incorporated. <https://books.google.com.br/books?id=H2B9AAAAMAAJ>
- Lewin, K. (1931). The conflict between aristotelian and galileian modes of thought in contemporary psychology. *The Journal of general psychology*, 5 (2), 141–177.
- Lewin, K. (1992). Law and experiment in psychology. *Science in Context*, 5 (2), 385–416.
<https://doi.org/10.1017/S0269889700001241>
- Lindorfer, B. (2020). Personality theory in gestalt theoretical psychotherapy: Kurt lewin's field theory and his theory of systems in tension revisited. *Gestalt Theory*, 43 (1), 29–46.
<https://doi.org/10.2478/gth-2021-0002>
- Marrow, A. J. (1969). *The practical theorist: The life and work of kurt lewin.* Basic Books.
<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=0a5605335e195394c75493d21bd9768b>
- Ross, S. D. (2004). *Aristotle* (6th). Routledge.
<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=fa21d06dbb292a585891e369b51609ef>
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2008). *A history of modern psychology* (9th). Thomson Wadsworth.
- Silva, V. L. L. (1975). *Causalidade: Uma abordagem teórica.* Fundação Getúlio Vargas.

Vasconcelos, E., & Vasconcelos, E. (2002). Complexidade e pesquisa interdisciplinar: Epistemologia e metodologia operativa. Vozes.
<https://books.google.com.br/books?id=Os9JAAAACAAJ>